

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER – PORQUE SUAS VÍTIMAS NÃO OS DENUNCIAM?

Maria Eugenia BERTOLDI¹

Dhuliana Trindade CAMATTI²

Leonice EGGERS³

Diego Luiz Martins de São JOSÉ⁴

Maira de Oliveira VALENÇA⁵

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir os fatores que causam violência psicológica e física contra as mulheres, sobretudo quando esta agressão é proveniente de um relacionamento afetivo, por parte de namorado, cônjuge ou companheiro. Assim como os fatores que levam grande parte das mulheres vítimas a não buscarem ajuda e denunciarem as agressões, e, além disso, deterem a vontade de permanecer em convívio com os agressores. Muitas mulheres optam a continuar neste tipo de relacionamento por se sentirem o centro das atenções de seu parceiro, pois neste tipo de relacionamento o agressor gosta de estar no domínio da relação, assim tentado controlar tudo a sua volta. Por esta atenção excessiva pela parte do parceiro a mulher entende inconscientemente que ele se preocupa demais e apenas quer o seu bem. Algumas vítimas se sujeitam a esse tipo de situação porque acreditam que tiveram algum comportamento era errado e que devem ser castigadas por isso. Surgem algumas teorias como: a de que estas pessoas possuem um perfil sado masoquista e que assim desejam viver, porque simplesmente está bom desse jeito. Para a sociedade de um modo geral essa situação não é bem vista, talvez, por não ter um conhecimento psicológico e tampouco conhecimento científico, e assim não conseguir compreender o porquê dessa escolha. É fato que existem aspectos psicológicos relevantes que fazem com que a vítima permaneça em contato com o agressor e de que essas questões precisam ser analisadas mais profundamente por um profissional. Segundo Levnsky e Fuzetti: Os psicólogos forenses têm desempenhado vários papéis nos casos de violência doméstica e são especificamente solicitados a: descrever a natureza, frequência, gravidade de violência futura, fazer recomendações de intervenções em relação ao agressor e também à vítima e fazer predições sobre os resultados prováveis dessas intervenções.

Palavras Chave: Violência doméstica. Violência psicológica. Agressão física.

¹Maria Eugenia Bertoldi Doutoranda pela Universidad de La Plata-Argentina- Professora das Faculdades Santa Cruz.– mariaeugeniabertoldi@gmail.com

² Dhuliana Trindade Camatti-Acadêmica do Curso de Direito das Faculdades Integradas Santa Cruz – dhulianacamatti@hotmail.com

³ Leonice Eggers -Acadêmica do Curso de Direito das Faculdades Integradas Santa Cruz – egggers.leonice@gmail.com

⁴ Diego Luiz Martins de São José -Acadêmico do Curso de Direito das Faculdades Integradas Santa Cruz – diego_dg@hotmail.com

⁵ Maira de Oliveira Valença -Acadêmica do Curso de Direito das Faculdades Integradas Santa Cruz – mairaovalenca@gmail.com

Existe uma grande diversidade de teorias sobre a agressão, alguns fios que não se manifestam claramente, a quase todos os estudos teóricos do problema da agressão. Sendo esta uma forma de comportamento humano, e todas as atividades humanas têm alguns fatores comuns que devem ser considerados para que as atividades possam ser explicadas. O mesmo acontece com a agressão. (MEGARGEE e HOKANSON, 1976)

Megargee e Hokanson (1976, p.2), relatam sobre a instigação:

O primeiro fator será denominado instigação. Por instigação queremos indicar as forças, existentes dentro do indivíduo, que o motivam, o impulsionam ou impelem para a realização de comportamento agressivo. Sem essa motivação, é improvável que o indivíduo se comporte de maneira agressiva. De forma semelhante, é improvável que um grupo se comporte agressivamente a não ser que alguns de seus participantes sejam instigados à execução de comportamento agressivo. Embora a forma mais fundamental de instigação para agressão seja um desejo de ferir os outros, essa cólera ou hostilidade não é a única fonte motivadora de comportamento agressivo. Às vezes, os indivíduos ou grupos se comportam agressivamente como forma de atingir outros fins. Por exemplo, um bando, um bando de adolescentes pode participar de uma luta, não para ferir os rivais, mas para proteger seu "terreno" ou seus "troféus" e provar para seus companheiros que coragem. O carrasco pode estar apenas procurando ganhar honestamente a vida. Evidentemente, tal como ocorre com todo o comportamento humano, a agressão é usualmente resultante de determinação múltipla, e satisfaz a várias necessidades.

Segundo Megargee e Hokanson (1976, p. 2), ainda relatam sobre o conjunto de fatores que levam a agressão:

O segundo conjunto de fatores aqui considerados refere-se às inibições. Estas são fatores da personalidade individual e que se opõem à expressão manifesta de agressão. Na ausência de inibições interiores, o indivíduo provavelmente atuará sob a influência de instigação externa, a não ser que 1) existem outras respostas competitivas mais fortes; 2) existam, no ambiente, inibições externas. No entanto, todas as sociedades criaram tabus contra algumas formas de comportamento agressivo, e quase todos os indivíduos que se desenvolvem nessas culturas aprendem inibições contra a expressão manifesta de pelo menos algumas formas de comportamento agressivo. A interação entre inibição ajuda a determinar se ocorre ou não uma resposta agressiva, influi na direção e na natureza de qualquer comportamento agressivo realizado.

O Homem não vive num vazio. Seu comportamento é uma função, não apenas de características de sua personalidade individual, mas também das situações em que

se encontra. São esses fatores situacionais que constituem o terceiro grupo de variáveis que devemos considerar na análise do comportamento agressivo. Tais fatores situacionais podem atuar de forma a facilitar ou de forma a inibir a expressão de comportamento agressivo. A presença de uma multidão que aplaude uma pessoa pode ter um efeito facilitador, enquanto que o fato de encontrar um representante da lei pode ter efeito inibidor. (MEGARGEE e HOKANSON, 1976)

Quando há uma vítima de agressão, são comuns alguns pensamentos de que o fato violento foi em virtude de algo que a própria vítima tenha cometido; como se ela fosse culpada por ter sido agredida. (HIRIGOYEN, 2003)

A partir de então, surge à questão: por que algumas mulheres não conseguem denunciar o seu agressor? (HIRIGOYEN, 2003)

Em regra, as vítimas são pessoas vistas como mais frágeis do que os agressores, e da mesma forma, pelas pessoas que entendem que a vítima tem culpa pela agressão. (HIRIGOYEN, 2003)

Normalmente, o agressor começa acabando com o prazer da vítima em fazer certas coisas. Quando se perde o prazer em fazer algo, perde-se também a capacidade de ação contra as agressões. Para conseguir manipular a vítima, o agressor vale-se de questões sensíveis para conseguir que a vítima perca a inteligência emocional. (HIRIGOYEN, 2003)

Normalmente a violência inicia-se psicologicamente até tornar-se física. (HIRIGOYEN, 2003)

Algumas mulheres não denunciam seus agressores por questões financeiras, ou para não perder seu emprego, ou por mandar embora o único que provem renda para sustentar seus filhos. (HIRIGOYEN, 2003)

Sobre agressão privada, Hirigonyen (2003, p. 21) aborda:

A violência perversa entre casais é muitas vezes negada ou banalizada, reduzida a uma simples relação denominação. Uma simplificação psicanalítica consiste em considerar o parceiro cúmplice ou até mesmo responsável pela relação perversa. Isto é negar a dimensão do domínio que paralisa a vítima e a impede de defender-se, e mais, negar a violência dos ataques e a gravidade da repercussão da repercussão psicológica da perseguição movida contra a vítima. As agressões são sutis, não há vestígios tangíveis, e as testemunhas tendem a interpretar como simples relações conflituais ou passionais entre duas pessoas de personalidade forte

o que, na verdade, é uma tentativa violenta de destruição moral ou até física do outro, não raro bem-sucedida.

Megargee e Hokanson (1976, p. 28) relatam sobre o postulado básico:

Este estudo aceita como ponto de partida a suposição de que a agressão é sempre uma consequência da frustração. Mas especificamente, a proposição é que a ocorrência de comportamento agressivo sempre pressupõe a existência de frustração e, inversamente, que a existência da frustração leva a alguma forma de agressão. Do ponto de vista da observação cotidiana, não parece absurdo supor que o comportamento agressivo dos tipos usualmente reconhecidos pode ser sempre ligado a alguma forma de frustração e é por esta produzido. No entanto, de forma alguma é imediatamente evidente que, sempre que a frustração ocorre, disso resultem inevitavelmente alguma forma e certo grau de agressão. Em muitos adultos e mesmo em crianças, a frustração pode ser seguida tão prontamente por uma aparente aceitação da situação e um reajustamento a ela, que em vão procuramos os critérios relativamente grosseiros, geralmente considerados como característicos da ação agressiva. Deve-se lembrar, no entanto, que os seres humanos aprendem, como resultado da vida social, é suprimir e controlar suas reações manifestamente agressivas. No entanto, isso não significa que essas tendências sejam assim anuladas; ao contrário, já se verificou que, embora tais reações possam ser temporariamente comprimidas, retardadas, disfarçadas ou de alguma forma desviadas de seu objetivo imediato e lógico, não são destruídas. Com essa suposição quanto à inevitabilidade da agressão consequente à frustração é possível dar nova integração a diferentes tipos de fatos que até agora têm sido considerados fenômenos mais ou menos isolados, bem como considerar como razoáveis muitos exemplos de conduta humana que são comumente considerados e facilmente afastados como apenas irracionais, perversos ou anormais.

Um instigador é uma condição anterior, sendo a consequência sua resposta. O conceito de instigador muito mais amplo que o estímulo, que se refere apenas à energia (fisicamente definida) exercida sobre um órgão do sentido, refere-se a qualquer condição anterior, observada ou inferida, a partir da qual se pode prever a resposta, seja quando se trata de um estímulo, ou quando se trata imagem verbalmente descrita, uma ideia, um motivo ou um estado de privação (MEGARGEE e HOKANSON, 1976)

A hipótese básica apresentada é de que a agressão sempre decorre da frustração. Entretanto, a afirmação simples de que a frustração gera agressão possa acrescentar alguma coisa de valor ao problema do prenúncio do comportamento humano, para se conseguir uma compreensão mais adequada das formas específicas apresentadas pela agressão será necessário outro fator psicológico. (MEGARGEE e HOKANSON, 1976)

Megargee e Hokanson (1976, p.33) abordam ainda sobre a força da instigação a agressão:

O primeiro passo para desenvolver a hipótese básica é representá-la sob a seguinte forma quantitativa: a força da instigação a agressão varia diretamente com a quantidade de frustração. O passo seguinte é considerar os fatores responsáveis pela quantidade de frustração e, portanto, também responsáveis pela força da instigação à agressão. Supõe-se a existência de três desses fatores: a força da instigação para a agressão deve variar diretamente com 1) a força da instigação para a resposta frustrada 2) grau de interferência na resposta frustrada e 3) o número de sequências frustradas de resposta.

A força da instigação para a resposta frustrada, é quando a resposta vem de forma mais agressiva do que o esperado, o grau de interferência na resposta frustrada, vem a ser a quantidade, digamos assim, que se baseia a resposta, se é uma quantidade pequena, a agressão pode ser menor, já o número de sequências frustradas de respostas, é o fato de cometer o mesmo ato várias vezes. (MEGARGEE e HOKANSON, 1976)

Megargee e Hokanson (1976, p.34) relatam ainda sobre a inibição de atos de agressão:

É evidente que nem todas as situações frustradoras provocam agressão manifesta. Poucos motoristas detidos zombam do policial; os convidados para um jantar de cerimônia não se queixam quando a carne está dura; os judeus alemães não batem em tropas nazistas de choque. No entanto, seria evidentemente errado supor que nesses casos não existe agressão. Algumas perguntas bem conduzidas podem provocar a afirmação de que a pessoa frustrada “se sente encolerizada” ou “aborrecida” ou “por dentro está furiosa”. Tais expressões verbais se referem a ações agressivas inibidas ou parcialmente inibidas, e que podem ser denominadas não-manifestas, pois são opostas à agressão manifesta de lutar, bater, xingar e outras ações facilmente observadas. Não se supõe que tais termos se refiram a classes independentes de comportamento agressivo, mas apenas aos extremos de um contínuo descritivo.

A variável básica que determina até que ponto qualquer ato específico de agressão será inibido parece ser uma previsão de castigo. Temporariamente, pode-se afirmar que a força da inibição de qualquer ato de agressão varia positivamente com a quantidade de castigo previsto como consequência desse ato. (MEGARGEE e HOKANSON, 1976)

A inibição de um ato de agressão varia diretamente com a força do castigo previsto para a ocorrência desse ato. O castigo inclui maus tratos a objetos amados e incapacidade para realizar um ato instigado, bem como as situações usuais que provocam dor. (MEGARGEE e HOKANSON, 1976)

Megargee e Hokanson (1976, p.158) abordam ainda sobre o comportamento humano:

O comportamento humano é frequentemente dirigido por objetivos, orientado por estratégias e influenciado por defesas do ego e buscas de coerência cognitiva. No entanto, evidentemente existem situações em que essas considerações intencionais são relativamente pouco importantes como reguladores da ação. Nessas ocasiões, os padrões de comportamento habitual se tornam dominantes, e a pessoa responde de maneira relativamente automática aos estímulos que a atingem. Qualquer sistema psicológico realmente completo precisa enfrentar essas reações provocadas por estímulos, bem como os padrões mais complexos de ação. Mais ainda, devemos também ser capazes de especificar as condições sob as quais os vários determinantes do comportamento aumentam ou diminuem em sua importância.

Muitas mulheres sofrem com violência no relacionamento afetivo e ou conjugal, de certa forma esta violência contra mulheres em um relacionamento é difícil de ser evitada, pois muitas mulheres sofrem vários tipos de violência em meio a um relacionamento e continuam neste relacionamento por meio de coação emocional.

As mulheres sofrem vários tipos de violência que podem começar verbalmente e chegar à morte. Muitos dos crimes que acontecem contra as mulheres são de certa forma muitas vezes justificados por cultura e religião, isso em vários países do mundo.

“Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), 7 em cada 10 mulheres no mundo todo já foram ou serão violentadas em algum momento de sua vida.”

Segundo Melo e Teles, no livro “O que é violência contra mulher?” em relação ao termo violência:

“(…) quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano” (2005, p. 15).

Muitas vezes é até mesmo para o parceiro é difícil perceber que está sendo vítima, pois o seu agressor começa com uma proximidade excessiva grande em relação com o seu parceiro. Isso pode ser confundido facilmente como cuidado, zelo ou ciúme. (HIRIGOYEN, 2003)

O parceiro impõe o domínio para ter controle da situação, para que sua parceira fique dependente. (HIRIGOYEN, 2003)

Segundo Hirigonyen fala sobre o agressor (2003, p. 22):

Com este processo, ele mantém o outro a distância, dentro de limites que não lhe parecem perigosos. Como ele não quer ser invadido pelo outro, ele o faz, assim, passar por aquilo que ele próprio não quer sofrer, abafando-o e mantendo-o “à sua disposição”.

A parceiro na maioria dos casos é bastante tolerante com os pedidos do parceiro ou desejos. (HIRIGOYEN, 2003)

Hirigonyen (2003, p. 23) aborda:

Esta tolerância é muitas vezes interpretada pelos psicanalistas como a necessidade de benefícios inconscientes, essencialmente masoquistas, que ele obtém com tais laços.

As vítimas muitas das vezes acham em sua maioria que a culpa por estar acontecendo as agressões e os abusos são seus. Por acharem que por alguma atitude que tiveram que desencadeou esta reação de agressão de seu parceiro. (HIRIGOYEN, 2003)

Já a sociedade tem uma visão da vítima um pouco distorcida, acham que ela é conveniente com a situação de abuso ou são fracas por não denunciarem e por isso merece passar por este constrangimento sem reclamar. (HIRIGOYEN, 2003)

O agressor não tem um critério específico para escolher suas vítimas, as escolhe a quem tem mais fácil acesso, ou seja, a seu ciclo de convivência que pode ser sua esposa, namora ou amiga. (HIRINGOYEN, 2003)

Segundo Hiringoyen (2003, p. 153): critério de escolha de suas vítimas:

Porque está a mão e, de um modo ou de outro tornara-se incômoda. Ela nada tem em específico para o agressor. É um objeto intercambiável, que está a mão em um bom e/ou mau momento, e que cometeu o erro de deixar seduzir – e às vezes o de ser demasiado lúcida. Ela só tem interesse para o perverso quando é utilizável e aceita a sedução. Torna-se objeto de ódio a partir do momento em que dele escapa ou tem mais nada a dar.

Estas vítimas são constantemente atacadas pelos seus parceiros psicologicamente. (HIRINGOYEN, 2003)

Segundo Hiringoyen (2003, p. 155) o masoquismo:

Por que, no momento em que a realidade pode desmentir esse discurso, as vítimas continuam a tê-lo como referencial? Já dissemos que elas estão psicologicamente atacadas. Embora estejam sendo usadas, isso não significa que seja este jogo que elas desejam jogar. Freud distingui três formas de masoquismo: erógeno, feminino e moral. O masoquismo moral seria uma busca ativa do fracasso e do sofrimento a fim de satisfazer uma necessidade de castigo.

Considerações Finais

A proposta deste artigo foi apresentar os motivos do porquê que ainda hoje em dia as parceiras não denunciem seus agressores. Muitas vezes seus parceiros se mostram muito sedutores e articuladores.

Trazer esta informação a sociedade que não é simplesmente a vítima não querer se desligar do agressor, mas é porque existe toda uma situação psicológica muito forte envolvida, não é tarefa simples.

Por consequência destas situações suas parceiras não conseguem constatar conscientemente que estão sendo violentadas seja psicologicamente ou fisicamente.

Também viemos a esclarecer que algumas pessoas levam estilo de vida diferente e são felizes assim.

Por este motivo temos que ser muito cautelosos antes de efetuar algumas denúncias ou fazer julgamentos desnecessários.

Referências Bibliografia

HIRIGOYEN, M. **Assédio Moral**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.

DIMESTEIN, G. **Democracia em pedaços**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 1996.

HUSS, M.T. **Psicologia forense: pesquisa, prática clínica e aplicações**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

TELES, M. **O que é violência contra a mulher?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

MEGARGEE, E. e HOKANSON, J. **A Dinâmica da Agressão: Análise de indivíduos, grupos e nações**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17670>

<http://noticias.terra.com.br/mundo/violencia-contra-mulher/>

